

Bancos aceitam desconto de até 40% na recompra de papéis da Nigéria

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Estima-se no mercado financeiro que a renegociação da dívida externa da Nigéria com seu comitê assessor de bancos deve continuar por mais quatro semanas. Mas um detalhe vazou ontem para o mercado: o de que os bancos estavam aceitando um desconto entre 37 e 40% para uma operação de recompra da dívida.

É a primeira vez que um comitê assessor de bancos aceita considerar um desconto maior que os 35% concedidos ao México em 1989, dado que a renegociação posterior da Venezuela chegou a um valor menor, 30%. O Produto Nacional Bruto (PNB) da Nigéria em 1988 era quase doze vezes menor que o do Brasil, comparável ao do Peru.

Apesar disso, não se pode dizer que a Nigéria é propriamente um país pobre, sendo também o décimosegundo maior produtor de petróleo do mundo e um dos cinco maiores exportadores. Em princípio, a Nigéria e os bancos assinaram um acordo preliminar em março, depois de tortuosas negociações que se prolongaram por doze meses.

Mas as conversas tiveram que ser retomadas porque a Nigéria cortou unilateralmente os pagamentos de 9,5% dos juros que devia aos bancos para menos 3%, e pediu uma

reestruturação do principal com prazo de trinta anos. Os nigerianos recusaram dos termos do acordo depois que a ascensão nos preços do petróleo, que permitiriam sua ambiciosa recompra da dívida, caíram aos níveis anteriores à Guerra do Golfo.

O "Clube de Londres", na parte dos bancos, também rejeitou uma parte do acordo que prevê uma garantia colateral sobre o novo bônus para a dívida remanescente do país, com trinta anos de prazo, juros de 6,25% e um ano de garantia adicional sobre o pagamento desses juros. O problema é que o acordo previa a garantia do bônus de cupom zero do Tesouro dos EUA "ou equivalente".

A Nigéria considera "equivalente" o bônus da Resolution Fund Corporation (que o mercado chama de "Refco") do governo dos EUA, porque ele tem a classificação de risco triplo "A" das letras do Tesouro, mas custam mais barato. O Clube de Londres, pressionado pelos bancos franceses, rejeita a definição porque considera os "Refco" um risco privado.

O governo da Nigéria revidou suspendendo pagamentos de sua dívida comercial, que já soma US\$ 100 milhões, em uma dívida externa que saltou para US\$ 33 bilhões, dos quais US\$ 5,6 bilhões com os bancos comerciais (a maioria e com o Clube de Paris).

Estima o departamento de economia internacional do Manufacturers Hanover que, nas atuais circunstâncias, o serviço da dívida externa deverá custar à Nigéria US\$ 4 bilhões por ano, com a vigência de um acordo, mais a reestruturação com o Clube de Paris, calcula-se que o alívio anual poderá atingir US\$ 2 bilhões, cortando o peso pela metade.

O apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI), que assinou com o país um acordo que lhe concedeu US\$ 512 milhões, abriu espaço para a reestruturação com o Clube de Paris, que reestruturou diferentes porções de sua dívida em prazos variando de quinze a vinte anos, com quatro a oito anos de carência, no final de janeiro último.

A situação melhorou em seguida quando os EUA cancelaram US\$ 32 milhões de dívida oficial, seguidos por reestruturações bilaterais de sua dívida oficial com a Inglaterra (US\$ 900 milhões) e Alemanha (US\$ 480 milhões).

Mas os bancos sabem que a Nigéria tem dinheiro. As estimativas que circulam entre eles sugerem que o país acumulou pelo menos US\$ 5,2 bilhões em receita extra com venda de petróleo durante a Guerra do Golfo Pérsico, dos quais não menos que US\$ 3 bilhões não apareceram ainda na contabilidade oficial do governo de longos. Esses seriam os recursos que o país usaria para recomprar sua dívida com um desconto maior que o do México.